REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR NOVA TERRA

OXÍMOROS PEDAGÓGICOS EMPRESARIAIS NA DISPUTA PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Cledson Oliveira dos Santos[69]
Ivânia Paula Freitas de Souza Sena

Introdução

O texto propõe uma leitura crítica dos deslocamentos que vêm ocorrendo na Educação do Campo no Brasil, sobretudo diante da crescente presença de agentes ligados ao agronegócio e ao empresariado educacional. Seguindo nesta esteira, compreendemos que a Educação do Campo nasce das lutas sociais e carrega um compromisso político com os territórios, com os saberes tradicionais e com a autonomia dos sujeitos (Fernandes, 2008). Nesse sentido, a Educação do Campo não pode ser reduzida a uma simples modalidade de educação, pois envolve um projeto de formação vinculado à vida e às contradições do Campo.

Dessa forma, o estudo evidencia que esse projeto de sociedade, alicerçado na formação integral e na diversidade do ser humano, vem sendo tensionado por uma lógica que não atua apenas na superfície da realidade social concreta. Por isso, categorias como: "contextualização", "território" e "comum" passam a circular em discursos empresariais com novos significados, mais próximos das exigências do mercado do que

[69] Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* VII, Senhor do Bonfim, Bahia.

das lutas que lhes deram origem. Esse movimento é compreendido, a partir de uma leitura marxista de inspiração gramsciana, como uma forma de expropriação que não se limita ao plano econômico, mas alcança também o campo simbólico e o modo como se produz conhecimento.

Nesse processo, segundo Freitas (2018), ganham força os chamados aparelhos empresariais de direção político-pedagógica, que influenciam a escola não de forma direta ou impositiva, mas por meio de discursos que parecem inovadores e neutros. Ao incorporar a linguagem da Educação do Campo, esses discursos criam uma sensação de continuidade, embora, na prática, estejam deslocando seus objetivos e sentidos para a lógica empresarial.

A noção de "oxímoros pedagógicos empresariais" surge como uma chave importante para compreender essas contradições. São formulações que juntam ideias que, no fundo, entram em choque, como quando se fala em uma educação crítica orientada para o mercado. Esse tipo de construção ajuda a suavizar conflitos e a tornar aceitável um projeto educativo alinhado à lógica do capital (Lamosa, 2018).

Ainda assim, o texto não vê esse cenário como fechado. No cotidiano das escolas, persistem práticas que resistem a esses deslocamentos e reafirmam o vínculo entre educação, território e luta social. É nesse movimento, marcado por tensões, que a disputa pelos sentidos da educação continua em aberto.

Metodologia

Esta pesquisa está alicerçada em uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, fundamentada na concepção do materialismo histórico-dialético, que possibilita apreender a realidade social em sua totalidade concreta, constituída por contradições, mediações e determinações históricas.

Nessa perspectiva, a educação é compreendida como um campo estratégico de disputa de projetos societários, no qual se confrontam distintas formas de produção de sentido e de direção político-pedagógica Laval, 2029). Nessa perspectiva e sob a luz gramsciana, parte-se do entendimento de que tais disputas se inscrevem no interior dos processos de construção da hegemonia, envolvendo tanto a produção de consenso quanto a emergência de práticas contra hegemônicas. Assim, os materiais analisados não são tomados como registros neutros, mas como expressões de projetos em disputa, vinculados a interesses concretos e a formas específicas de organização do poder (Gramsci, 2024).

Por isso, o corpus empírico é constituído por documentos institucionais e conteúdos veiculados em canais de comunicação como *Youtube*, que apresentam entrevistas dos personagens do Agronegócio, em especial da associação *De Olho no Material Escolar* (DONME), compreendidos como parte de um aparato privado de direção político-pedagógica. A análise incidiu sobre os enunciados produzidos nesses materiais, com o objetivo de identificar a construção de oxímoros pedagogicos empresariais, entendidos como

formulações discursivas que articulam, de forma aparentemente conciliatória, categorias historicamente tensionadas, contribuindo para a captura semântica de noções como "contextualização", "território" e "educação" (Hã, 2015).

Todavia, como procedimento analítico, adotou-se a análise crítica do discurso segundo Pêcheux (2009), orientada pela identificação de regularidades enunciativas, deslocamentos semânticos e estratégias de legitimação. Desta forma, buscou-se evidenciar como tais enunciados operam na produção de consenso, na naturalização de racionalidades vinculadas à lógica empresarial e na reconfiguração dos sentidos da Educação do Campo. Trata-se, portanto, de um movimento analítico que não se limita à descrição dos fenômenos, mas que busca desvelar suas determinações histórico-sociais e suas implicações para a práxis educativa, especialmente no que se refere às possibilidades de resistência e reapropriação contra-hegemônica dos sentidos em disputa.

Resultados e discussão

A educação brasileira ao longo dos últimos anos, especialmente a Educação do Campo, vem sendo atacada tanto de forma silenciosa quanto de forma agressiva. Não é algo que se impõe de forma explícita, mas vai se instalando no cotidiano. Isso se percebe, por exemplo, na intensificação da precarização do trabalho docente. Não só nas condições concretas de trabalho, mas também na forma como o professor passa a ser visto socialmente, nos discursos de falta de eficiência.

Não obstante, aos poucos, discursos vão desqualificando

a profissão, fragilizando seu papel sociak, como se ensinar fosse uma atividade menor. Esse processo se sustenta muito pela repetição, sobretudo midiática, que acaba naturalizando essa desvalorização. No entanto, ao mesmo tempo, vai se consolidando uma racionalidade que tensiona diretamente os fundamentos da Educação do Campo.

Pois, se, por um lado, essa perspectiva sempre defendeu a ligação entre educação e o território, partindo da vida concreta dos sujeitos. Contudo, agora os discursos ligados ao Agronegócio começam a justificar o afastamento desse vínculo com ajuda de uma gramática que está recheada de oxímoros. No entanto, apesar se ser indigesta, com ajuda da tecnologia, da eficiência e da padronização. Tanto os sujeitos quanto a escola vão sendo reorientados.

Contudo, sem perceber, a lógica produtivista passa a atravessar as práticas pedagógicas e a redefinir o próprio sentido da formação desvelando os mecanismos ideológicos que sustentam a inserção do agronegócio sob o signo contextualização. Portanto, segundo Kosik (2010), o problema é que tudo isso se apresenta como algo natural, quase inevitável. Mas essa aparência mais imediata encobre processos históricos e materiais mais profundos. No campo educacional, isso se expressa como uma espécie de pseudo-contextualização, ou seja, práticas e discursos que parecem técnicos, neutros e eficientes, mas que acabam apagando as mediações que dão sentido à realidade dos sujeitos. No fundo, trata-se de um movimento que reforça a alienação (Han, 2015).

Nesse cenário, certos termos passam a circular com muita força. Palavras como “empreendedorismo”, “inovação”,

"gestão eficiente" e "sustentabilidade" entram na escola carregadas de prestígio, mas esvaziadas de crítica. Quando incorporadas sem questionamento, acabam sustentando uma pedagogia voltada mais para a adaptação do que para a formação crítica. Em vez de ajudar os sujeitos a lerem o mundo a partir de suas lutas e territórios, a escola passa a construir uma autoimagem desconectada da realidade concreta.

Seguindo nesta esteira, é nesse ponto que a ideia de "oxímoros pedagógicos" ajuda a entender o que está acontecendo. São formulações que juntam coisas que, no fundo, entram em conflito, mas aparecem como se fossem coerentes. Isso suaviza as tensões e torna mais aceitável um projeto educativo alinhado à lógica do mercado.

Nesse ínterim, a repetição desses discursos tem um papel decisivo. Termos como "eficiência" e "inovação sustentável" vão sendo tratados como universais, quando, na verdade, ajudam a legitimar a entrada de interesses privados na escola pública do campo. É assim que se constrói uma certa ideia de modernidade, enquanto, ao mesmo tempo, se silenciam as histórias, os saberes e as resistências que dão vida aos territórios do campo.

Referências

FERNANDES, Bernardo Mançano. Educação do Campo e Territorio camponês no Brasil. *In*. SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Org) **Por uma Educação do Campo:** Campo- políticas públicas- Educação. Brasília: INCRA; MDA, 2008.

FREITAS, Luiz Carlos de**. A reforma empresarial da educação:** nova direita, velhas ideias**.** São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: caderno 22 (V): 1934: americanismo e fordismo. Tradução Lincoln Secco e Silvia de Bernardinis. Rio de Janeiro: **IGS-Brasil, 2024.**

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa:** o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

LAMOSA, Rodrigo de Azevedo Cruz. **Educação e agronegócio**: a nova ofensiva do capital nas escolas públicas. Curitiba: Appris, 2016

HAN, Byung-Chun. **Psicopolítica**: neoliberalismo e novas técnicas de poder. Lisboa: Relógio d'Água, 2015.